

A estranha em mim

Sempre em busca de personagens além da sua compreensão, **Maeve Jinkings** volta à telona em longas de Carolina Markowicz e Walter Salles.

POR MARIANE MORISAWA

Diz assim a bio do Instagram de Maeve Jinkings: “Alguém que tá tentando entender”. É com esse espírito que a atriz, de 47 anos, encara seus projetos, tendendo mais e mais a interpretar mulheres que não compreende. Como a Mila da série de sucesso *Os outros*, da Globoplay, que vive um relacionamento abusivo. Ou Suellen, de *Pedágio*, com estreia mundial este mês nos festivais de Toronto e de San Sebastián. Atendente de pedágio, a personagem é uma mãe solo e conservadora de um garoto gay, que decide passar por cima de seus valores morais para mandar o filho para uma terapia de conversão, o chamado ritual de “cura homossexual”.

É seu segundo trabalho com a cineasta Carolina Markowicz, que será a primeira brasileira a receber em Toronto o prêmio Tribute para cineastas emergentes. Maeve e Carolina filmaram juntas o elogiado *Carvão*, lançado nos cinemas brasileiros em novembro do ano passado. No longa, ela interpreta Irene, uma carvoeira religiosa que aceita abrigar em sua casa um traficante fugitivo. “São pessoas que fazem coisas condenáveis”, diz Maeve, sentada no chão da sala do apartamento que divide há alguns meses com Carolina, em São Paulo. As duas, que mal se conheciam antes de trabalharem juntas, viraram amigas e depois namoradas. “Eu nunca tinha me apaixonado por uma mulher.”

A atriz se deu conta do que estava sentindo no meio das filmagens de *Pedágio*. “Foi um pouco confuso. Comecei a perceber que minha vontade de estar ao lado dela era um pouco demais”, lembra. “E sempre enchi a boca para dizer que sou muito profissional, que não misturo as coisas. Foi uma crise para mim.”

Ler um texto da antropóloga Paola Lins de Oliveira, em que ela falava sobre se ver apaixonada por uma mulher pela primeira vez, foi libertador. “Eu costumava dizer que era bissexual, mas era heteroaftiva. Pode parecer

“ Foi um renascimento. Essa Maeve mais caretinha, eu tive de deixar lá em Belém. ”

uma bobagem, mas é uma diferença brutal amar romanticamente uma mulher.” Veio junto uma crise existencial, que Maeve define como muito forte e bonita. “Eu falei: ‘Nossa, que incrível. Aos 45 anos, achando que eu já sabia tudo sobre mim, descobri uma coisa tão nova e tão grande.’”

Foi uma constatação e tanto para quem, aos 10 anos, já sabia que queria ser atriz. Curiosamente, por causa de uma aula de matemática, na qual o professor pediu para os alunos encenarem trechos de *O homem que calculava*, de Malba Tahan. “Ninguém queria ser o narrador do meu grupo.” Ela topou, talvez pela facilidade de decorar. Maeve recorda claramente o momento em que estava contando a história. “Minha memória é muito fraca. Mas eu me lembro da sensação, da incidência da luz na sala, das pessoas em silêncio. Tinha a ver com comunhão, e não com ser o centro das atenções.” Ao fim da apresentação, ela se virou para sua amiga e falou: “Eu vou ser atriz”. Mas era segredo. Um segredo que ficou escondido até seus 18 anos.

Apesar de saber a carreira que queria seguir, ela teve medo. Estava pronta para cursar biologia. A mãe percebeu seu desânimo e mandou a filha para um teste vocacional. Ouviu da terapeuta: “Você não tem dúvida. Você tem medo”.

Maeve não passou no vestibular de artes cênicas. E aí o medo tomou conta de novo. Decidiu ficar em Belém, onde foi criada, e fazer publicidade por lá mesmo. Formou-se, mas nem chegou a pegar o diploma. Foi para São Paulo, atrás do que queria, estudando primeiro no Centro de Pesquisa Teatral de Antunes Filho e depois na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo, duas referências para os palcos paulistanos. “Foi um renascimento. Essa Maeve mais caretinha, eu tive de deixar lá em Belém”, diz. “Mas é assustador viver em São Paulo, longe de sua família. É assustador fazer teatro, ser atriz. Você se expõe muito. E, ao contrário do que as pessoas imaginam, não queria me expor. Ser atriz é contar histórias, ter comunhão, descobrir coisas.”

O começo da carreira dramática nunca é fácil. E o medo, sempre ele, voltou. “Uma psicanalista me disse que eu temia que desse certo, porque me sabotei algumas vezes.” Tendo de trabalhar para se sustentar em São Paulo, conseguiu uma vaga de produtora cultural na Cultura Inglesa. Era ótimo, pagava direitinho. Mas, depois de pegar uma pneumonia ao tentar conciliar o emprego com as filmagens noturnas de seu primeiro longa, *Falsa loura* (2007), de Carlos Reichenbach, um dos principais nomes do cinema marginal e da chamada Boca do Lixo, viu-se pressionada a escolher. E ela quase optou pela segurança. “Só que eu tinha mudado minha vida para ser atriz.” Tomou coragem, pediu demissão.

Sua carreira engranaria mesmo com *O som ao redor* (2012), o primeiro longa de Kleber Mendonça Filho, com quem também fez *Aquarius* (2016). Nessa época, ela já ensaiava morar em Recife, onde sua mãe e seu padrasto ainda vivem. Virou musa do cinema pernambucano. Trabalhou com Marcelo Gomes em *Era uma vez eu, Verônica* (2012) e com Daniel Aragão

em *Boa sorte, meu amor* (2012). Ganhou o Troféu Candango de atriz no Festival de Brasília por *Amor, plástico e barulho* (2013), de Renata Pinheiro. E filmou *Boi neon* (2015), de Gabriel Mascaro. Seus laços com Pernambuco permanecem. Também neste mês, estreou na mostra Horizontes, do Festival de Veneza, o longa *Sem coração*, da alagoana Nara Normande e do pernambucano Tião, no qual faz uma participação.

Foi nessa época de muito trabalho no Nordeste que ela encarou sua primeira novela, *A regra do jogo* (2015-2016), gravada no Rio. “Quando contei para meu pai que tinha sido escalada, ele chorou de soluçar.” Ela emendou vários trabalhos na Globo e na Globoplay.

Os filmes a fizeram viajar desde pequena, quando ficou fascinada com *2001: uma odisseia no espaço* (1968), de Stanley Kubrick, e *O baile* (1983), de Ettore Scola. Agora, eles também a levam para viagens, para rodá-los ou promovê-los em festivais. Recentemente, ela atuou em *DNA do crime*, uma série inédita da Netflix, dirigida por Heitor Dhalia e filmada em São Paulo, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, no papel de outra Suellen. A personagem, que lhe exigiu bastante fisicamente, é uma policial que acabou de ter um bebê, mas está preocupada com o trabalho. “É outra que fala das sombras, do que uma mulher pode e não pode fazer”, diz. “Gosto de discutir sobre isso porque não tenho filhos. Desejei a minha vida toda, mas percebi que estava sempre adiando e colocando a carreira em primeiro lugar.” Ela não descarta adotar ou mesmo engravidar.

A política é parte fundamental de quem Maeve é. Não há separação. Sua arte, de preferência, precisa refletir sobre o estado das coisas no Brasil. A atriz voltou a trabalhar com Walter Salles, com quem fez o curta *Quando a terra treme* (2019), em *Ainda estou aqui*, com estreia prevista para 2024. O longa é baseado na história de Eunice Paiva, mãe de cinco filhos – um deles, o escritor Marcelo Rubens Paiva –, e sua luta para descobrir o paradeiro do marido, o ex-deputado Rubens Paiva, que foi preso pela ditadura militar em 1971 e desapareceu. Eunice (interpretada por Fernanda Torres e Fernanda Montenegro em fases diferentes do filme) tornou-se advogada e defensora dos indígenas. Maeve vive Dalva Gasparian, uma das fundadoras da Livraria Argumento, que precisou se exilar com o marido em Londres para fugir da ditadura. A identificação foi imediata. O avô da atriz, Raimundo Jinkings, foi preso pelos militares, perdeu o emprego e se tornou livreiro em Belém. “Foi um modo de homenageá-lo”, diz. “Acho incrível o Walter decidir contar essa história agora, para este país sem memória, que estava, meses atrás, pedindo ditadura. Um revival de mau gosto, dessa gente tosca, que acha que o regime foi algo positivo. Fico muito feliz de estar ajudando a contar isso.”

Ainda mais tratando de mulheres nem sempre fortes, mas complexas. “Como a gente não estuda a Eunice na escola?”, pergunta. “Eu quero personagens femininas que movam a narrativa.” E que façam com que a atriz se depare com a sua própria ignorância. “Eu aprendo muito com elas.”

